

Mercado testa BC e dólar dispara

Hélio Romero - 12/1/1999

VERA BRANDIMARTE,
MAURÍCIO PALHARES (*)
E PAULA PAVON

SÃO PAULO - O dólar disparou ontem, chegando a ser negociado a R\$ 1,76. As taxas de juros no mercado futuro acompanharam a brutal valorização da moeda americana, que há apenas dez dias era cotada a R\$ 1,21. No fechamento do dia, a moeda era oferecida a R\$ 1,69 na compra e R\$ 1,70 na venda. Desde o último dia 12, o real já foi desvalorizado em 27,04% pela taxa média ponderada dos negócios registrados pelo Banco Central, a PTax. Ontem, a PTax estava em R\$ 1,6594 para compra e R\$ 1,6602 para venda.

Segundo os operadores do mercado, a disponibilidade de dólares em poder dos bancos esgotou-se. Os exportadores podem chegar à conclusão de que a atual cotação da moeda já chegou a um nível razoável e, então, poderão retomar as operações de fechamento de câmbio. Ontem, até as 19h, já se registrava a venda de US\$ 232 milhões no segmento de dólar comercial (de exportação), o valor mais alto do ano. Apesar disso, o saldo de entrada e saída de dólares no país continuou negativo. Até as 20h30, a perda estava em US\$ 282 milhões.

Risco claro - Se os exportadores continuarem vendendo seus dólares das futuras exportações, atenderão à demanda dos potenciais compradores da moeda, que têm compromissos vencendo neste mês no exterior. Se não, o real continuará se desvalorizando, até que o Banco Central resolva atuar e definir um teto para a flutuação.

Há, no entanto, um risco claro, segundo analistas, na intervenção do BC nesse momento: o de que o mercado decida testar o BC para se abastecer de dólares. Tudo dependerá do valor que o BC definirá como teto para a desvalorização do real. Se for alto demais, pode diminuir o apetite dos compradores. Se baixar demais, pode haver sangria de reservas.

O câmbio futuro fechou próximo ao limite de oscilação imposto pela Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F), de 6%. A cotação para o contrato de fevereiro fechou em R\$ 1,668, com alta de 5,96%. Para abril, a cotação ficou em R\$ 1,697, com valorização de 5,88%. Por duas vezes o contrato de câmbio de fevereiro travou porque chegou no limite de oscilação.

Bolsa - Não se sustentaram nem mesmo as bolsas de valores, que vinham subindo nos últimos quatro pregões, em parte para compensar a desvalorização do real e em parte pela aprovação do pacote fiscal. A notícia da votação favorável ao governo

da reforma da Previdência não foi suficiente para manter a alta. As bolsas abriram em queda, devido à já prevista realização de lucros e a alta do dólar acentuou a queda. Com meia hora de pregão, a Bovespa já recuava 5,63%. A bolsa paulista acabou fechando com queda de 4,59%, com um giro de R\$ 779,911. No Rio, a baixa foi de 1,4%.

O título da dívida externa de maior liquidez, o C-Bond, encerrou cotado a 54,62% do seu valor de face na compra e 54,37% na venda, contra 59% na quarta-feira. O IDU, a 83,2%, contra 86,9% anteontem.

China - Foi um dia de muitos boatos. No início da tarde, dizia-se que o Comitê de Política Monetária (Copom), faria uma reunião para elevar ainda mais as taxas de juros. Pela manhã, o mercado já ficou tenso com as notícias de que a China poderia finalmente corrigir o câmbio. A essa preocupação vêm somar-se as dúvidas sobre o futuro da moeda argentina.

O mercado está fazendo as contas e já concluiu que o governo precisa fazer um esforço adicional de ajuste. Os US\$ 28 bilhões de economia aprovados pelo Congresso já são insuficientes para evitar o descontrole do déficit agora depois das mudanças que tiveram forte impacto sobre a dívida pública. Por isso, as projeções de juros nos contratos de DI futuro dispararam ontem, chegando a 66% no meio da tarde. A expectativa era que depois da aprovação da reforma da Previdência os juros recuassem.

Os contratos negociados para fevereiro fecharam em 34,39%, contra 33,55% anteontem. Para março, os juros interbancários saltaram de 42,70% para 53,63% ontem. Já os contratos de abril encerraram em 48,62%, muito acima dos 40, 18% registrados na quarta-feira.

Operadores do mercado disseram que o Banco Central efetuou a chamada "operação chapa branca" e interveio no mercado de juros por meio do Banco do Brasil. A compra teria sido da ordem de R\$ 1 bilhão para tentar baixar a cotação dos juros DI para março.

Os futuros subiram apesar de o Banco Central ter mantido estável a taxa do overnight (operações por um dia), contrariando a expectativa de que haveria um ajuste diário de meio ponto percentual. O governo não atuou logo na abertura dos negócios e o mercado elevou a Selic para 33,6%. Em seguida, o BC doou recursos à taxa de 32,5%, e as instituições que já haviam feito negócios perderam dinheiro. A taxa de fechamento da Selic ficou em 32,5%.



Os contratos futuros de juros para março, fechados na BM&F, saltaram de 42,70% para 53,63% ontem